

POLÍTICA ECONÔMICA

GAZETA MERCANTIL

Apesar da recuperação dos negócios, a inflação preocupa os empresários

por Vera Saavedra Durão
do Rio

A preocupação com os rumos da inflação brasileira — que poderá bater um novo recorde este ano, fechando com uma taxa acumulada de 2.100%, como projetou Julien Chacel, diretor do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) — e o receio de que o Brasil se transforme numa “Bósnia”, como alertou o diretor da Cia. de Cimento Portland, do grupo Votorantim, Mario Gomes Damasceno, aliados ao clamor por “justiça social” e “melhor distribuição de renda” da diretora de marketing do Pão de Açúcar marcaram o clima da cerimônia de entrega do prêmio FGV de Excelência Empresarial de 93, ontem, no auditório da Fundação.

Foram premiadas Brasilit (SP), Cia. Cimento Portland Gaúcho (RS), Construtora Ferreira Guedes (SP), Equipav (SP), Eternit (RJ), Fiat do Brasil (SP), Granja Resende (MG), Indústria de Produtos Alimentícios Piraquê (RJ), Pão de Açúcar (SP), Souza Cruz (RJ), SLC S/A (RS) e Termomecânica São Paulo (SP).

No painel sobre Econo-



Julien Chacel

mia e Política, que precedeu a entrega do prêmio, Chacel estimou também um crescimento entre 3,5% e 4% para o Produto Interno Bruto (PIB) em 1993, ante uma taxa negativa de menos 1%, em 1992. Na ocasião, tanto ele quanto Paulo Rabello de Castro denunciaram, para uma platéia repleta de empresários, a ausência de um projeto ou de “um desenho nítido” de estratégia para estabilizar a economia brasileira: “O que virá depois do ajuste fiscal, se ele ocorrer?”, indagou Chacel. Para ele, o ajuste fiscal é necessário, mas insuficiente

numa política de combate à inflação. A seu ver, o dobrar do ajuste fiscal poderá ser uma das chamadas âncoras — “semânticas novas para coisas conhecidas”.

A âncora cambial, segundo ele, atua como o antigo padrão ouro, ao operar com uma paridade dólar/cruzeiro, enquanto a âncora monetária — sua preferida —, leva o risco de novas recessões. “O País está cansado de recessões.” Ortodoxo que é, Chacel evitou citar soluções heterodoxas, mas trabalhou com a hipótese “limite” de uma explosão hiperinflacionária.

Os empresários que sucederam Chacel, como Ana Maria Diniz, diretora de marketing do grupo Pão de Açúcar, e Mário Gomes Damasceno, diretor da Companhia Cimento Portland, falando em nome dos premiados, foram otimistas quanto ao futuro, mas deram também o toque amargo da conjuntura brasileira atual aos seus pronunciamentos.

Ana Maria Diniz se referiu ao “dramático” ajuste que sua empresa foi levada a fazer para melhorar seu desempenho, fechando lojas — de um total de 600,

hoje possui 260 — e demitindo pessoal: dos 54 mil empregados até o ano passado, sobreviveram 18 mil. Em consequência, o faturamento o grupo vai pular neste ano para US\$ 1,6 bilhão, ante US\$ 1,3 bilhão em 1993.

Damasceno destacou que, apesar de todos ali se sentirem felizes com o prêmio, estavam “muito preocupados. O Brasil está envolvido numa dramática guerra onde há mortos e mutilados. Só não os vê quem não quer. Eles existem, são os sem-terra, os sem-teto, as crianças abandonadas nas ruas. Seria irresponsabilidade não mostrar o que está acontecendo no País”, avisou.

O presidente da Fiat do Brasil S.A., a “holding” que congrega onze empresas, Silvano Valentino, disse que neste ano o grupo deverá faturar US\$ 3 bilhões, crescendo 10% em relação a 1992.

Antônio Monteiro de Castro, presidente da Cia. Souza Cruz, espera faturar US\$ 1,5 bilhão neste ano. A sua visão da conjuntura é mais otimista. A revisão constitucional deverá propiciar melhores condições para reduzir o déficit público e baixar a inflação.